

Portugal de menino

por MÁRIO SETTE



Mário Sette, contista e romancista brasileiro, hoje apresentado ao nosso público com a sua colaboração em «SOL NASCENTE», é um dos mais interessantes pintores de costumes do nordeste brasileiro e principalmente de Pernambuco. Devemos à gentileza do Dr. Nuno Simões esta primeira amostra dum intercâmbio intelectual que, a efectuar-se de forma mais ampla e intensa, muito proveito traria a um sentido universalista da cultura.

MÁRIO MELO, meu prezado confrade, está vendo com os seus olhos de cinquenta anos muita cousa que os meus viram quanto tinham apenas dez.

E eu vou, ao ler suas crônicas de agora, conferindo as suas impressões de homem com as minhas recordações de menino. Outro dia êle falava do Pôrto, com as velhas ladeiras, a Sé, as mulheres vendendo pelxe, a ponte-dupla lançada sobre o Douro em ligação com Vila Nova de Gaia, e a minha imaginação, com a nitidez de



suas fixações infantis, me traziam à vista êsses cenários e êsses costumes não esquecidos.

Na sua última crônica de flagrantes portugueses, Mário Melo descreve o Bom Jesus do Monte, em Braga. Também ali estive, a caminho do Gerez aonde meu pai ia beber água útil ao seu fígado doente. Viajava-se, então, a caminho da estação serrana, num carro puxado a cavalos que precisava de quatro longas horas para lá chegar. De quando em quando parava numa aldeia para mudar as parelhas. E vinham ao nosso caso «cachopas» de vestuários típicos, de faces rosadas e fala cantante, oferecer-nos os cabazes de pênas ou uvas, o pão de centeio e as canecas de vinho. Hoje, com o automóvel, os aspectos devcrao ser os mesmos, porque Portugal, como o confrade reconhece, aprecia bastante a beleza de suas tradições para conservá-las.

A escadaria do Bom Jesus do Monte eu a descí, ou subi, muitas vezes, «de folia», olhando, a princípio surpreso e medroso, aquelas capelinhas meio sombrias, com as cênas da Paixão de Jesus, em vultos de tamanho natural. Pouco a pouco, familiarizado, contemplava-os mais confiante e mais devagar. Por fim, com raiva dos «judeus» tinha vontade de atimar-lhes umas pedras... O cenário do grande parque também ficou na minha memória, principalmente por causa de um lago onde havia pequenos botes para passeio de margem a margem, passando-se por perto dos belos cisnes que boiavam também.

Portugal impregnou de tal modo, de uma doçura e um perfume, a minha memória que nunca mais pude lembrar-me dele sem um quê de ternura filial. Era um país todo cheio de coisas diferentes e deliciosas para meus dez anos de idade, visitado após uma travessia de onze

dias num daqueles antigos vapores da Mala Real Inglesa. Os contrastes dos continentes, dos costumes, dos sotaques, do clima, dos quadros, provocavam tôda a curiosidade de meu espírito novo e da minha inteligência em floração. Tudo se gravou na minha retentiva de criança para se tornar mais doce nas minhas reminiscências de quasi-velho.

Sobretudo, dois factos de um cunho marcante na minha vida, nessa viagem á Europa, de 40 anos atrás. Dois acontecimentos «notáveis» para minha valdade de homem e para meu amor próprio de escritor...

Em Lisboa, chegando o inverno, e sendo rijo o frio para nós, pernambucanos, a êle mal acostumados, vesti a primeira calça-comprida.. Trajo de marujo com a gola bordada, que foi para mim um dos maiores entusiasmos da vida. Também, na capital portuguesa, me deram um teatrinho de brinquedo, um palco com pano de boca, rompimentos, bastidores, cenários e bonecos.

Fazia êsses calungas repetinem episódios de teatro a que assistira, inclusivé récitas da grande Sarah Bernhardt, no «São Carlos». Mas, depois, quiz ir mais longe. Eu mesmo escrevi uma peça para os meus «actores». Não me recordo mais de que género. Com as suas entradas e saídas, com o seu enrêdo, com o seu final emocionante. Talvez ao jeito da Tosca ou da Morgadilha de Val Flôr. A peça «subiu á cêna» com sucesso e com os aplausos de meus pais...

Quando não bastassem as recordações das belezas e dos encantos compreensíveis a olhos de menino, dêsse Portugal distante e pitoresco, justificariam a ternura com que o evoco hoje, ter êle sido a moldura de minha primeira calça-comprida e do meu primeiro trabalho literário...